



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

Escola de Ciências Sociais e da Saúde

Coordenação de Psicologia

**AMOR COMO PRÁTICA DISCURSIVA: SENTIDOS QUE CONSTROEM A
EXPERIÊNCIA FEMININA**

Discentes: Ana Luiza Pavanin Finocchio e Lara Pedrosa Leão dos Santos

Orientadora: Dra. Lenise Santana Borges

Goiânia, junho de 2026



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

Escola de Ciências Sociais e da Saúde

Coordenação de Psicologia

**AMOR COMO PRÁTICA DISCURSIVA: SENTIDOS QUE CONSTITUÍM A
EXPERIÊNCIA FEMININA**

Ana Luiza Pavanin Finocchio e Lara Pedrosa Leão dos Santos

Estudo apresentado como requisito para
conclusão da disciplina de Trabalho de
Conclusão Curso II do curso de Psicologia da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientadora: Dra. Lenise Santana Borges

Goiânia, junho de 2026

ANA LUIZA PAVANIN FINOCCHIO
LARA PEDROSA LEÃO DOS SANTOS

Amor como prática discursiva: Sentidos que constroem a experiência feminina

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Lenise Santana Borges (Orientador)

CRP:09/315

Prof. Dra. Analice de Sousa Arruda Vinhal de Carvalho

CRP:09/1488

Prof. Me. Camila Alves Martins

CRP:09/2640

Goiânia, 2026

*Parece-me ser igual dos deuses
aquele homem que, à tua frente
sentado, de perto, tua voz deliciosa
escuta, inclinando o rosto,
e este riso luminoso que acorda desejos – ah! Eu juro,
meu coração no peito estremece de pavor,
no instante em que eu te vejo: dizer não posso mais
uma só palavra;
minha língua se dilacera;
escorre-me sob a pele uma chama furtiva;
meus olhos não veem, meus ouvidos,
zumbem;
um frio suor me recobre, um frêmito do meu corpo
se apodera, mais verde que as ervas eu fico;
estou a um passo da morte.*

Safo

Resumo

Este trabalho teve como objetivo analisar os discursos sobre o *amor* ao longo do século XX até a contemporaneidade, buscando compreender como esses saberes foram produzidos, transformados e articulados aos contextos históricos e sociais. Parte-se do pressuposto de que o *amor* não constitui um fenômeno universal e estático, mas uma construção social, histórica e polissêmica, cujos sentidos são produzidos por meio de práticas discursivas. A pesquisa caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, com recorte temporal entre 1987 e 2019, contemplando produções nacionais e internacionais. O referencial teórico-metodológico fundamenta-se no socioconstrucionismo e na análise das práticas discursivas, compreendendo a linguagem como produtora de sentidos e a realidade como construída nas interações sociais. Foram analisados artigos científicos a partir de categorias que permitiram identificar como o *amor* é nomeado, descrito e explicado. Além dos efeitos desses discursos sobre as mulheres, foi explorado as distintas abordagens psicológicas que os norteiam. Os resultados indicam a predominância de discursos psicológicos que tendem à naturalização do *amor*, frequentemente associados a explicações individualizantes, como a Teoria do Apego e modelos psicométricos. Observa-se, ainda, um movimento de categorização e operacionalização do fenômeno, que contribui para a produção de sentidos estabilizados e descontextualizados. Além disso, identificou-se baixa incidência de análises que considerem marcadores sociais, como raça, classe, geração e como foco de análise deste trabalho, gênero, evidenciando lacunas relevantes na produção científica. A análise evidenciou que os sentidos atribuídos ao *amor* variam ao longo do tempo, sendo compreendido, em diferentes momentos, como “falta”, “apego”, “funcionamento” e “escolha”. Conclui-se que os discursos psicológicos não apenas descrevem o *amor*, mas produzem efeitos normativos sobre as formas de sentir, se relacionar e interpretar experiências afetivas. Destaca-se, por fim, a importância de abordagens críticas que considerem o *amor* como fenômeno relacional, histórico e atravessado por relações de poder.

Palavras-chave: Amor, Psicologia, Discursos, Socioconstrucionismo, Gênero.

Abstract

This study aimed to analyze discourses on love throughout the twentieth century to contemporary times, seeking to understand how such knowledge has been produced, transformed, and articulated within historical and social contexts. It is based on the assumption that love is not a universal and static phenomenon, but rather a social, historical, and polysemic construction whose meanings are produced through discursive practices. The research is characterized as a narrative literature review, with a temporal scope between 1987 and 2019, encompassing both national and international publications. The theoretical and methodological framework is grounded in social constructionism and the analysis of discursive practices, understanding language as a producer of meanings and reality as constructed through social interactions. Scientific articles were analyzed according to categories that enabled the identification of how love is named, described, and explained. In addition to examining the effects of these discourses on women, the study also explored the different psychological approaches underlying them. The results indicate the predominance of psychological discourses that tend to naturalize love, often associated with individualizing explanations, such as Attachment Theory and psychometric models. Furthermore, a movement toward the categorization and operationalization of the phenomenon was observed, contributing to the production of stabilized and decontextualized meanings. The study also identified a low incidence of analyses considering social markers such as race, class, generation, and, as the main focus of this study, gender, highlighting relevant gaps in scientific production. The analysis showed that the meanings attributed to love vary over time, being understood at different moments as “lack,” “attachment,” “functioning,” and “choice.” It is concluded that psychological discourses not only describe love, but also produce normative effects on the ways individuals feel, relate, and interpret affective experiences. Finally, the importance of critical approaches that understand love as a relational, historical phenomenon shaped by power relations is emphasized.

Keywords: Love, Psychology, Discourses, Social Constructionism, Gender.

Lista de Tabelas

Tabela 1: Mapa dialógico dos artigos da revisão narrativa29

Tabela 2: Análise dos sentidos atrelados ao amor seguindo uma Linha Narrativa23

Sumário

Introdução	9
Procedimentos metodológicos	11
Revisão da literatura.....	13
Amor como falta	13
Amor como apego.....	14
Amor operacionalizado	16
Algumas notas acerca das produções discursivas brasileiras sobre o amor	18
Resultados e discussão	19
Conclusão.....	24
Referências.....	25
Apêndices	29
Tabela 1: Mapa dialógico dos artigos da revisão narrativa	29

Introdução

Os discursos sobre o *amor* vêm sendo produzidos há milhares de anos, com registros encontrados em diversas civilizações. Essas produções discursivas atravessaram diferentes áreas do conhecimento ao longo da história, mobilizando o interesse de diversos autores e campos de saber. Dessa forma, o *amor* foi amplamente discutido na filosofia, na literatura e nas artes, sendo posteriormente incorporado ao campo da Psicologia, que constitui o foco desta investigação. Inicialmente, buscávamos por meio desta pesquisa encontrar certezas em explicações deterministas numa tentativa de compreender o fenômeno amoroso patológico. Ao nos depararmos com a escassez de pesquisas que estivessem em confluência com a simplicidade da suposta correlação inicial, percebemos, com auxílio de nossa orientadora Dra. Lenise Borges, que ampliar o olhar sobre o fenômeno era a única alternativa para compreendê-lo em sua complexidade. Nesse processo, emergiu um interesse pelo caráter dinâmico e historicamente situado do *amor*, o que deslocou o foco inicial da pesquisa. Dessa forma, a investigação deixou de se concentrar em uma perspectiva patologizante para voltar-se à análise das diferentes construções teóricas sobre o *amor* na psicologia.

Assim, esse trabalho se propõe a explorar os discursos psicológicos acerca das noções sobre o *amor*, desde as teorias freudianas do século XX até a contemporaneidade, analisando as transformações desses discursos, identificando como esses saberes se relacionam com movimentos históricos e sociais ao longo do tempo. Esta pesquisa se delimita à revisão narrativa da literatura sobre os discursos acerca do *amor*, com um recorte temporal de 1987 a 2019, fazendo um paralelo das produções internacionais com as brasileiras.

Logo, investigar criticamente os discursos psicológicos sobre o *amor* é necessário pois observa-se que grande parte dessas produções científicas sobre o tema ainda tendem, por vezes, a desconsiderar os contextos históricos, sociais, culturais e políticos nos quais as relações românticas se constituem. Dessa forma, torna-se fundamental ampliar o olhar para além dos modelos individualizantes, incorporando perspectivas críticas que compreendam o *amor* como um fenômeno relacional, intersubjetivo e atravessado por relações de poder.

A pesquisa também se justifica pela necessidade de compreender como os discursos científicos sobre o *amor* moldam as formas de sentir, desejar, se vincular e sofrer nos relacionamentos. Dentre os discursos científicos, os saberes psicológicos não apenas descrevem

o *amor*, mas produzem efeitos normativos sobre o modo como os sujeitos passam a interpretar suas próprias experiências afetivas, legitimando determinadas práticas e patologizando outras (Haraway, 1995).

Essa investigação revela-se particularmente relevante quando se considera o impacto desses discursos sobre as mulheres. Segundo Tavares (2021), historicamente, os ideais amorosos têm operado como dispositivos de regulação dos comportamentos femininos, naturalizando a responsabilização das mulheres pelo cuidado emocional, pela manutenção dos vínculos e pelo sucesso ou fracasso das relações. Tais construções tem como efeitos a reprodução de desigualdades de gênero, a sobrecarga emocional feminina e a naturalização de dinâmicas relacionais marcadas por dependência, culpa, renúncia e sofrimento psíquico (Tavares, 2021). Nesse contexto, analisar criticamente os discursos psicológicos sobre o *amor* permite problematizar os modos pelos quais determinadas normas afetivas são produzidas, legitimadas e perpetuadas, abrindo espaço para formas mais éticas, equitativas e emancipadoras de viver os vínculos amorosos.

Ao articular os discursos da Psicologia com uma análise dos processos de psicologização e categorização do *amor*, presentes em diferentes abordagens -como a Teoria do Apego e os modelos psicométricos-, aos movimentos sociais -teorias críticas e estudos de gênero-, este trabalho busca compreender as transformações históricas nos discursos sobre *amor* e contribuir para a construção de práticas e reflexões que promovam maior autonomia, consciência crítica e liberdade subjetiva, sobretudo para as mulheres, no campo das relações afetivas.

A análise proposta está fundamentada no socioconstrucionismo, que busca compreender os processos por meio dos quais as pessoas descrevem, explicam e atribuem sentido ao mundo em que vivem (Gergen, 1985, p. 266 como citado em Spink & Frezza, 2001/2013). Nessa perspectiva, o *amor* é concebido como um fenômeno múltiplo e dinâmico, socialmente construído e historicamente situado, atravessado por contextos culturais, relações de poder e processos de significação. Em articulação com tal pressuposto, essa análise incorpora as lentes críticas de Spink (1994) e Butler (1993/2019). Portanto, quando utilizamos o termo “mulher”, entende-se que este é construído historicamente, efeito produzido pela repetição de atos, normas e discursos ditados por uma classe dominante (Butler, 1993/2019). Nesse contexto, torna-se central questionar como e quem está produzindo os discursos sobre o *amor* e quais são os efeitos desses discursos no cotidiano das práticas amorosas.

Procedimentos metodológicos

A metodologia adotada no presente trabalho consiste nas práticas discursivas, descritas por Spink (2004/2010) e Bakhtin (1992 como citado em Indursky, 2000). Ou seja, o foco de análise do material coletado foi a linguagem, compreendendo esta como produtora de sentidos. Tal escolha se justificou na medida em que se entende que estas se adequam mais ao propósito da nossa pesquisa de desnaturalizar o *amor*, analisando os caminhos por meio dos quais este conceito foi sendo construído e alterado na Psicologia.

Considerando as lentes teóricas da psicologia socioconstrucionista, compreendemos *sentido* (Spink & Medrado, 2001/2013, p. 21) como construção social produzida nas interações sociais, marcadas por datação histórica e pela cultura, relacionando-se com a produção de termos e interpretações de experiências e fenômenos do cotidiano. Contudo, essa construção não implica unicidade, e considerando seu caráter dinâmico, um mesmo fenômeno pode ser significado de diversas maneiras. Essa multiplicidade é denominada *polissemia* (Spink & Medrado 2001/2013, p. 103), manifestando-se, neste trabalho, na diversidade de sentidos atribuídos ao *amor*. A maneira como os sentidos serão produzidos é chamada de *práticas discursivas*, ou seja, momentos dialógicos em que a linguagem é modificada, ressignificada e utilizada como posicionamento (Spink & Medrado, 2001/2013, p. 26). Fazem parte das práticas discursivas o que Spink e Medrado (2001/2013, p. 26) nomeiam como *repertórios*: os conteúdos presentes na linguagem, na conversação. Neste trabalho, analisaremos os conteúdos (*repertórios*) presentes nos artigos selecionados (*práticas discursivas*) a fim de interpretar os *sentidos* na maneira como se fala sobre o *amor*.

Quando utilizamos a noção de *tempo* neste trabalho, referimo-nos à ampliação proposta por Spink e Medrado (2001/2013), que o compreende a partir da articulação entre três dimensões: *tempo longo*, *tempo vivido* e *tempo curto*. Essa abordagem possibilita analisar as práticas discursivas em diferentes níveis, favorecendo a compreensão tanto da estabilização de discursos institucionalizados, quanto da dinâmica situada de produção de sentidos. O *tempo longo* diz respeito à história da civilização, abrangendo os conhecimentos, valores e saberes culturalmente produzidos que antecedem a experiência individual, mas que a atravessam por meio de processos de reprodução social (Spink & Medrado, 2001/2013, p. 32). O *tempo vivido* refere-se às experiências singulares construídas ao longo da trajetória dos sujeitos, sendo o espaço de ressignificação desses conteúdos históricos por meio dos processos de socialização (Spink & Medrado, 2001/2013, p. 32). Já o *tempo curto* corresponde ao momento da interação,

isto é, às situações concretas e cotidianas em que os sentidos são produzidos nas relações interpessoais, marcadas pela dialogia e pela mobilização de múltiplos repertórios. (Spink & Medrado, 2001/2013, p. 33).

O delineamento principal do estudo é a revisão narrativa da literatura, que conforme apontam Soares (2025):

. . . Permite ao pesquisador 'pensar a literatura', promovendo uma articulação entre teoria e contexto que amplia o entendimento do fenômeno investigado. Assim, a revisão narrativa não se limita a compilar informações, ela reconstrói o sentido do conhecimento existente, servindo de base para o refinamento de conceitos, hipóteses e modelos teóricos.

Na pesquisa bibliográfica (coleta) o levantamento de obras científicas executou-se em bases de dados eletrônicas como SciELO, PePsic, PubMed, CAPES e APA PsycNet. Na seleção do *corpus* da pesquisa, estão os critérios de inclusão:

- Publicações sobre teorias da Psicologia sobre o amor em relações conjugais;
- Publicações sobre teorias da Psicologia sobre o amor no contexto brasileiro;

E para os critérios de exclusão:

- Relacionamentos não-românticos (familiares, amigáveis);
- Artigos científicos que se restringem a apenas uma teoria sobre o amor, exceto sobre a Teoria do Apego de Bowlby e Hazan e Shaver;
- Publicações que não mencionam teorias da Psicologia sobre o amor.

A seleção foi realizada por meio de busca em bases de dados utilizando palavras-chave relevantes (ex: "Amor" e "Psicologia"). Foi feita a leitura dos títulos e resumos dos artigos a fim de identificar quais atendiam aos critérios de inclusão e exclusão. Após a confirmação da relevância e adequação, realizou-se a leitura completa dos artigos concomitantemente à produção de uma planilha que continha informações quanto ao ano de publicação, autores, autores citados, local de publicação, resumo, uso na pesquisa e o método das pesquisas.

Posteriormente, houve a confecção de um mapa dialógico, um instrumento que tem como objetivo a facilitação da análise do conteúdo do material, subsidiando a interpretação por meio da construção interativa de categorias, as quais podem ser modificadas durante o processo, que vão ao encontro dos objetivos da pesquisa (Spink & Lima, 2001/2013). Nosso mapa

dialógico (ver Tabela 1 nos Apêndices) contém as categorias Amor: (1) Como é nomeado; (2) Como é descrito; (3) Como é explicado; (4) Lentes teóricas, (5) Como é referido em relação às mulheres (6) Teorias citadas.

Após essa etapa, foi realizada a Linha Narrativa, que, segundo Spink (2010, p. 45), “permite entender as estratégias usadas para argumentar, explicar, justificar e dessa forma fazer valer uma certa interpretação dos acontecimentos. A nomeação é muitas vezes um indicador desse processo de argumentar a favor de uma determinada interpretação.”. Assim, traçamos uma linha indicando as diferentes nomeações de *amor* ao longo do tempo, bem como os sentidos produzidos a partir destas nomeações.

As datas de publicação das produções utilizadas no levantamento bibliográfico estão contidas na faixa temporal de 1987 a 2025, abordando teorias da Psicologia sobre o *amor* desde 1920 até a contemporaneidade. A escolha desta delimitação se justifica por meio da trajetória do fazer científico deste trabalho, em que foi percebida a necessidade de uma investigação secular. Compreendendo a Teoria do Apego, objeto de estudo inicial, como insuficiente para explicar o fenômeno complexo *amor*, houve a necessidade de questionar: quais são as teorias sobre o *amor* que a antecederam e a sucederam? E, além, sob qual contexto estas teorias tornaram-se relevantes no meio científico e popular? A fim de explorar as camadas históricas, sociais e científicas e analisar os discursos que acompanharam cada época, utilizou-se este recorte temporal. Diante disto, o início do século XX configura-se como um ponto de partida relevante para a investigação das teorias da Psicologia sobre o *amor*.

Isso porque as ideias de Freud se disseminaram no século XX, que, em seus meados, terá o pensamento terapêutico/analítico ocupando a vida matrimonial, atribuindo às mulheres uma nova função dentro do casamento: preservar a saúde psicológica do casal (Tavares, 2021, pp. 89–91). A partir disto, consideramos o início do século XX, quando Freud publica *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) e *Psicologia das massas e análise do eu* (1922), um marco para a compreensão da construção do *amor* e seus efeitos nas mulheres em relações conjugais.

Revisão da literatura

Seguem algumas discussões acerca das teorias do *amor* na psicologia que embasam a análise discursiva.

Amor como falta

No início do século XX, em um contexto pós segunda Revolução Industrial e de ascensão da burguesia europeia, a Psicologia tentava estabelecer-se como ciência, seguindo o projeto paradigmático de William James e Wilhelm Wundt que defendiam a Psicologia como uma ciência investigativa empírica, buscando causalidades (Abib, 2009). Nesse processo de consolidação científica, o pensamento psicológico também começava a expandir-se para além do campo estritamente acadêmico.

Neste contexto, as ideias de Sigmund Freud passaram a disseminar-se na vida popular, com o pensamento psicológico fazendo-se presente tanto nas esferas públicas, como presídios, hospitais e escolas - em decorrência da luta da classe profissional pelo direito de atuação nesses espaços - quanto nas esferas privadas, como o matrimônio (Tavares, 2021, p. 89).

Ao fazerem um delineamento histórico sobre as primeiras teorias sobre o *amor* no campo da psicologia clínica, Martins-Silva et al. (2013) citam Freud como um dos precursores. Segundo os autores, Sigmund Freud (1922/1996) postula que para amar, faz-se necessário a construção anterior de um “eu ideal” (ideal de ego). A partir disto, o indivíduo escolhe como objeto de *amor* aquele que supostamente possuiria o que falta em si mesmo.

Amor como apego

Entre as décadas de 1950 e 1960, o mundo ocidental passou por intensas transformações políticas e culturais, em um contexto marcado pela emergência de movimentos sociais que passaram a questionar normas, valores e estruturas de poder até então naturalizadas (Pinto, 2010). Nos Estados Unidos, o envolvimento na Guerra do Vietnã impulsionou mobilizações sociais, entre elas o movimento *hippie*, que propunha novos modos de vida e criticava a moral tradicional e a cultura de consumo, difundindo ideais associados ao lema “paz e amor”.

Paralelamente, na Europa, destacou-se o movimento concebido como Maio de 68. Em Paris, estudantes ocuparam a Universidade de Sorbonne questionando a ordem acadêmica e social vigente. O movimento expandiu-se rapidamente por outras regiões da França e buscou articulações com trabalhadores, gerando mobilizações que repercutiram internacionalmente e contribuíram para um cenário mais amplo de contestação social (Pinto, 2010). Nesse contexto, em 1963, Betty Friedan publica *A mística feminina*, descrita por Pinto (2010) como “uma espécie de bíblia do novo feminismo”, marcando o fortalecimento do movimento feminista e a ampliação das discussões sobre as relações de poder entre homens e mulheres.

O Reino Unido vivenciava um pós-guerra marcado por destruição e instabilidade. A partir disto, surge uma campanha governamental e uma pressão social para que as mulheres deixassem as fábricas e voltassem ao lar, abrindo espaço majoritário no mercado de trabalho para os veteranos de guerra. Impedidas de ocuparem os espaços de trabalho, as mulheres ganham força política com a segunda onda do feminismo em 1960, garantindo alguns direitos relacionados à liberdade sexual e ao trabalho.

A Psicologia seguia atravessada pela valorização da mensuração objetiva do comportamento, com ênfase nas diferenças individuais e a busca por estabelecer padrões considerados ideais de funcionamento psicológico. Conforme aponta Abib (1998), a Psicologia que hoje conhecemos como “tradicional” apoiou-se em instrumentos de mensuração e teve, como um de seus efeitos, sua institucionalização como ciência. Passava a operar, então, por meio de intervenções sociais que escondiam uma ideologia de controle social e buscava o ajustamento dos indivíduos à normatividade, legitimando discursos de organização da vida social (Abib, 1998).

Neste contexto, marcado por disputas sociais acerca da organização da família e pela produção de saberes psicológicos voltados à definição de padrões considerados ideais do desenvolvimento, teorias que naturalizam a presença integral da figura materna tiveram terreno fértil para seu surgimento. Entre 1969 e 1980, John Bowlby lança a trilogia *Apego e perda*, na qual postula que o apego é um sistema comportamental inato, essencial para a sobrevivência, cuja função principal é a busca de proximidade e segurança com o cuidador. E embora a Teoria do Apego em sua formulação original não tenha como foco o amor romântico, é relevante neste trabalho que seja discutida para entender sua posterior utilização na compreensão os relacionamentos amorosos adultos. Bowlby (1969) focou em explicar como os infantes humanos se tornam emocionalmente apegados à primeira figura de cuidado e manifestam angústia emocional quando separados dela. Acreditava-se que a qualidade desse vínculo, que pode ser seguro ou inseguro, seria crucial, pois as experiências de cuidado moldariam o desenvolvimento psicossocial do indivíduo ao longo da vida (Dalbem & Dell'Aglio, 2005).

Foi apenas na década de 80, que esse referencial teórico passou a se mobilizar para compreender os vínculos afetivos estabelecidos entre adultos em relações amorosas, quando consolidava-se a ascensão do neoliberalismo - especialmente nos governos de Margaret Thatcher, no Reino Unido, e Ronald Reagan, nos Estados Unidos -, período marcado pela valorização do individualismo, da autonomia, da auto-rresponsabilização e da gestão privada

da vida emocional. Ideias, estas, que são consonantes com a expectativa historicamente dirigida à Psicologia de fornecer orientações práticas capazes de moldar pensamentos, disposições e condutas individuais, especialmente no contexto das chamadas “profissões de ajuda”, nas quais o conhecimento psicológico passa a ser mobilizado como instrumento para aprimorar e regular o comportamento das pessoas (Abib, 1998). Neste contexto, em 1987, Hazan e Shaver exploraram a possibilidade de que o amor romântico pudesse ser compreendido como um processo de apego análogo ao processo biossocial pelo qual se formam os laços afetivos entre bebês e pais.

Essas experiências precoces seriam internalizadas e incorporadas aos Modelos Internos de Funcionamento (MIFs). Os MIFs, que são estruturas cognitivo-afetivas de expectativas sobre a disponibilidade e a responsividade dos outros, bem como sobre a própria valia no relacionamento, produziram fontes de continuidade entre sentimentos e comportamentos iniciais ao longo da vida, tornando-se um dos componentes centrais na composição da personalidade (Bowlby, 1969; Dalbem & Dell'Aglio, 2005; Hazan & Shaver, 1987). Desse modo, as crenças formadas na imaturidade sobre a disponibilidade e a confiabilidade dos parceiros amorosos, e a própria capacidade de ser amado, influenciariam profundamente o curso do amor romântico (Hazan & Shaver, 1987).

Embora a extensão da Teoria do Apego ao campo dos relacionamentos amorosos adultos tenha possibilitado uma ampliação significativa da compreensão dos vínculos afetivos, especialmente a partir das contribuições de Hazan e Shaver (1987), tal perspectiva sustenta-se sobre a premissa da relativa estabilidade dos estilos de apego ao longo do desenvolvimento. Essa suposição de continuidade, que articula de maneira direta as experiências da infância aos padrões relacionais da vida adulta, constitui um dos pilares centrais da teoria, mas também tem sido alvo de críticas e revisões na literatura contemporânea. Ao enfatizar a permanência dos MIFs, esse modelo tende a produzir leituras deterministas do sofrimento amoroso, nas quais as dificuldades relacionais são interpretadas predominantemente como decorrentes de falhas precoces nos vínculos iniciais. Segundo Sroufe et al. (2005, citado em Fraley, 2019), as experiências iniciais não devem ser compreendidas como determinantes do desenvolvimento, mas como fatores que estabelecem condições para o funcionamento psicológico.

Amor operacionalizado

Entre as décadas de 70 e 80, intensificaram-se as tentativas da psicologia de mensurar e decodificar o *amor*. Embora essas iniciativas ainda estivessem alinhadas à tradição da

psicologia clássica - marcada pela busca de mensuração e categorização dos fenômenos -, elas passaram a vestir uma nova roupa, expressa no desenvolvimento de teorias que propunham diferentes estilos de *amor* e, paralelamente, os processos mentais por trás. Estas lentes teóricas não são por acaso: nos anos 70 acontecia a Revolução Cognitiva, movimento que se contrapunha ao *behaviorismo*, alterando a maneira como a Psicologia entendia os fenômenos - agora com foco nos estados mentais. O novo paradigma questionava as lógicas identitárias rígidas e passava a considerar os fenômenos como complexos, instáveis e intersubjetivos (Vasconcellos, 2002).

O movimento estendeu-se para o campo da psicometria, que se antes entendia os atributos psicológicos como estáveis e universais, agora ampliava seu olhar tentando integrar processos cognitivos com as medidas psicométricas (Dávila Dávila, 1999). Sternberg aparece como figura importante nesta mudança, sendo um representante da psicologia cognitiva norte-americana moderna (Dávila Dávila, 1999). É nesse contexto que o autor irá postular a Teoria Triangular do Amor, tentando operacionalizar o amar através da definição de seus componentes, com foco em aspectos cognitivos (Martins-Silva et al., 2013). Outros autores como Lee (1970), com a Teoria dos Estilos de Amor, Rubin (1970), diferenciando o amar e gostar e Walster & Walster (1978), definindo a existência de dois tipos de *amor*, são exemplos de que a Psicologia estava em busca de responder o que compunha o *amor* (como citados em Martins-Silva et al., 2013). A predominância da produção de discursos sobre o *amor* sob viés psicométrico na América do Norte não é mera coincidência: a afinidade cultural entre Inglaterra - berço da psicologia quantitativa - e Estados Unidos aliou-se ao pragmatismo vigente no século XIX do continente, tornando-se terreno fértil para a emergente psicometria aplicada, impulsionada também pela crescente demanda de seu uso no contexto social norte-americano (Dávila Dávila, 1999)

Contudo, como aponta Dávila Dávila (1999), a psicometria não acompanhou a mudança que a Revolução Cognitiva tentava promover, ou seja, ainda que houvesse uma base teórica que se voltava aos processos mentais e sua dinamicidade, a psicometria seguiu medindo as variáveis como fixas. No contexto político da década de 70 a 80 nos Estados Unidos, o fortalecimento de tendências conservadoras é marcado pela valorização das diferenças individuais, da estabilidade e da hierarquia. Nesse cenário, e em diálogo com o que Dávila Dávila (1999) aponta sobre a permanência de pressupostos invariacionistas na psicometria, a adesão mais

lenta a modelos dinâmicos pode ser interpretada como parte de um contexto mais amplo, e não apenas como um desenvolvimento interno da disciplina.

Ainda que a segunda onda do feminismo esteja majoritariamente situada nas décadas de 70 e 80, questionamentos internos sobre a ideia de existir um sujeito universal representante do termo *mulher*, que eclodiram na terceira onda, já começavam a ter suas faíscas acesas por meio da contestação do papel atribuído às mulheres. Segundo Nijensohn (2018), Butler é responsável pela sistematização desse questionamento na terceira onda do feminismo em seu livro *Gender Trouble* questionando a estabilidade do termo *mulher*, afirmando a suposição da universalidade como excludente e violento. Essas problematizações permitem estabelecer um diálogo com críticas no campo da psicometria, particularmente no que se refere à tendência de tratar atributos psicológicos como estáveis e invariantes, excluindo fatores como gênero, raça, classe e geracionalidade.

Algumas notas acerca das produções discursivas brasileiras sobre o amor

Segundo Pinto (2010), diferentemente do contexto europeu e norte-americano, no qual os anos 60 favoreceram a emergência de movimentos libertários e de contestação cultural, o Brasil vivenciou, após o golpe de 1964, um período marcado pela repressão política instaurada pela ditadura militar. Esse cenário limitou a organização de movimentos sociais e influenciou diretamente as formas de mobilização feminista, que passaram a emergir de maneira mais consistente apenas na década de 1970, frequentemente associadas à luta pela redemocratização e pelos direitos civis. Nesse contexto, destacam-se iniciativas como o Movimento Feminino pela Anistia, criado em 1975, que vinculava as demandas das mulheres à resistência ao regime militar. Com o processo de redemocratização nos anos 80, o movimento feminista brasileiro ampliou sua atuação, passando a abarcar diversas pautas, como o enfrentamento à violência contra a mulher, a igualdade nas relações conjugais, os direitos reprodutivos e a ampliação da participação feminina na vida pública e no mercado de trabalho (Pinto, 2010). Essas transformações não se restringiram à conquista de direitos formais, mas também contribuíram para tensionar modelos tradicionais de família e relacionamento, promovendo deslocamentos nas formas de compreender gênero, a sexualidade e as relações afetivas. Sob essa ótica, tais mudanças ampliaram o debate sobre autonomia e igualdade de gênero, abrindo espaço para novas formas de pensar o *amor* e os vínculos íntimos na contemporaneidade.

Nessa conjuntura, as discussões sobre o *amor* emergiram nos anos 90 com Reis (1992) e contemporâneos, muito influenciados pela Teoria Triangular do Amor, marcando um

crescimento expressivo de estudos correlacionais e ampliação para debates de gênero e psicopatologia (Hernandez et al, 2017). Atualmente, as produções sobre o *amor* no Brasil ainda se encontram majoritariamente no campo psicométrico, buscando encontrar causalidade na tentativa de obter respostas sobre o *amor* e seus efeitos (Schlösser & Camargo, 2014).

A herança positivista deixada por William James manifestou-se em um predomínio de abordagens voltadas à mensuração e à busca de causalidades, alinhando-se com sua crença de que a Psicologia alcançaria o estatuto ideal de “ciência natural” caso fosse tratada como tal (Abib, 2009). Em contraposição a essa predominância psicométrica, Silvia Lane propõe nas décadas de 1970 e 1980 um novo fazer científico da Psicologia, olhando para os sujeitos como seres que são ao mesmo tempo produto e produtores de história. Emerge no país um movimento crítico em relação à Psicologia e questionador das bases epistemológicas vigentes (Bock et al., 2007).

Em congruência com o novo modo de se produzir ciência na Psicologia, observa-se, na contemporaneidade, o fortalecimento de produções brasileiras que se afastam da naturalização do conceito *amor*, passando a compreendê-lo como um fenômeno relacional, histórico e socialmente construído (Tavares, 2021). Esses estudos priorizam a análise das dinâmicas interpessoais, considerando marcadores como gênero, raça, classe e geracionalidade, bem como os efeitos do neoliberalismo e das transformações sociopolíticas sobre as formas de amar e se relacionar (Tavares, 2021). Tal perspectiva tem efeitos em diferentes produções contemporâneas no Brasil, destacando-se autoras como: Ana Suy (2022), com ensaios psicanalíticos, Valeska Zanello (2022), na pesquisa acadêmica feminista, e Marcela Ceribelli (2025), com um ensaio cultural. Percebe-se um movimento de uma busca na compreensão mais ampla e crítica do *amor*, entendendo-o como produção coletiva, situada e atravessada por relações de poder.

Resultados e discussão

As práticas discursivas de Spink (1994) e o que Butler (1993/2019) chama de “citacionalidade” estabelecem que a realidade é produzida através da repetição de determinados autores nas produções acadêmicas e de certos discursos. Dessa forma, a subjetividade não é algo dado ou natural, mas socialmente construída a partir desses processos de repetição. À medida que certos discursos se reiteram, eles se estabilizam como verdades, orientando o cotidiano das práticas amorosas e regulando formas de vida, sobretudo para as mulheres (Tavares, 2021).

Ao analisarmos o mapa dialógico (ver Tabela 1 em Apêndices), buscando compreender a polissemia presente nos artigos, foi possível mapear as teorias sobre o *amor* observando uma repetição entre os autores citados. John Bowlby, criador da Teoria do Apego (1969), foi citado em 3 dos artigos selecionados (Dalbem & Dell’Aglia, 2005; Fraley, 2019; Hazan & Shaver, 1987), os quais tinham como tema central a sua teoria. Vale ressaltar que a Teoria do Apego postulada por Bowlby, tinha como propósito analisar e explicar o vínculo dos infantes com seus cuidadores primários e foi apenas com Cindy Hazan e Phillip Shaver (1987), que a teoria foi associada e adaptada para o amor romântico, estabelecendo o apego como sinônimo de *amor*. Hazan e Shaver, por sua vez foram citados em 3 dos artigos (Fraley, 2019; Martins-Silva et al., 2013; Schlösser & Camargo, 2014). Essa repetição contribui para a estabilização de determinados sentidos sobre o *amor*, que tende a ser produzido discursivamente como um fenômeno natural e inato. Tal processo pode ser observado no mapa dialógico construído, especialmente na categoria “Amor: Como é descrito”, na qual se identificou a ausência de definições explícitas do *amor* na maioria dos artigos analisados. Essa ausência não indica falta de compreensão, e sim um efeito de naturalização, no qual o *amor* é tratado como um dado autoevidente, que prescinde de definição, justamente por já estar estabilizado como verdade nos discursos que o sustentam.

Outro aspecto observado no mapa dialógico refere-se à recorrente tendência de classificação do *amor*. Diferentes autores amplamente citados mobilizam estratégias de categorização que buscam organizar o fenômeno em tipologias ou dimensões específicas. Abraham Maslow (citado por 2 artigos: Martins-Silva et al., 2013; Schlösser & Camargo, 2014.), distingue o *amor* em duas formas: amor deficiente (*D-love*) e amor de ser (*B-love*); Zick Rubin (citado por 3 artigos: Hernandez et al, 2017; Martins-Silva et al., 2013; Schlösser & Camargo, 2014) propõe a diferenciação entre amar e gostar; Robert Sternberg (citado por 3 artigos: Hernandez et al, 2017; Martins-Silva et al., 2013; Schlösser & Camargo, 2014) elabora a Teoria Triangular do Amor, estruturada em intimidade, paixão e compromisso; e John Alan Lee (citado por 3 artigos: Hernandez et al, 2017; Martins-Silva et al., 2013; Schlösser & Camargo, 2014) apresenta uma tipologia dos Estilos de Amor. Ainda, perspectivas como as de David Buss (citado em 1 artigo: Schlösser & Camargo, 2014) e B. F. Skinner (citado em 1 artigo: Schlösser & Camargo, 2014), embora distintas, também operam de forma a explicar e organizar o *amor* a partir de princípios específicos, como necessidades instintivas ou reforçamento comportamental.

Em conjunto, tais abordagens revelam um movimento de fragmentação e categorização do *amor*, no qual o fenômeno é decomposto em partes, tipos ou funções, sendo enquadrado em modelos explicativos relativamente estáveis. Ainda que essas propostas frequentemente se apresentem na categoria “Amor: Lentes teóricas” do mapa dialógico como integrativas, articulando diferentes dimensões, como cognição, emoção e comportamento, observa-se que essa integração ocorre predominantemente no nível individual, com pouca ou nenhuma incorporação de marcadores sociais mais amplos. Dessa forma, elas tendem a operar a partir de uma lógica classificatória que organiza o *amor* em “caixas”, privilegiando dimensões individuais. Nesse processo, aspectos históricos, sociais e marcadores como gênero, raça, classe e relações de poder tornam-se secundarizados ou ausentes, contribuindo para a produção de um entendimento do *amor* que, embora sistematizado, permanece descontextualizado.

Essa ausência também se evidencia na categoria “Amor: Como é referido em relação às mulheres”, na qual se observou uma lacuna, ou seja, pouca prevalência da perspectiva de gênero, nos artigos analisados. Mesmo diante da ampla produção teórica sobre o *amor*, são raras as discussões (discutido em apenas 2 dos 6 artigos selecionados) que problematizam suas implicações de gênero, isto é, pensam criticamente sobre a ideia de que o *amor* é vivenciado de maneira homogênea, desconsiderando as especificidades e desigualdades que atravessam as experiências amorosas (Gros, 2015, como citado em Tavares, 2021).

Em seu livro *Sintomas*, Ceribelli (2025) afirma que “o que não conseguimos nomear frequentemente revela mais sobre quem ainda não teve permissão para falar” (p. 7). A partir dessa perspectiva, a ausência de menções às mulheres nas produções acadêmicas pode ser compreendida como o efeito de relações de poder que delimitam quais experiências são nomeadas e legitimadas. A Teoria do Apego (Bowlby, 1969), por exemplo, emerge em um contexto pós-guerra, no qual o retorno dos veteranos ao espaço doméstico esteve acompanhado de forte pressão social para que as mulheres deixassem o trabalho e retomassem o lugar no lar. Nessa conjuntura, consolida-se a noção de que a presença contínua de um cuidador primário é indispensável, e sua ausência passa a ser compreendida como prejudicial ao desenvolvimento infantil. Ainda que esse lugar não seja explicitamente nomeado como materno, ele é historicamente atribuído às mulheres, conforme aponta Zanello (2016) com o conceito de *dispositivo materno*, que evidencia como as mulheres são socialmente posicionadas como cuidadoras “por natureza”, contribuindo para a naturalização dessa função nas relações familiares e afetivas.

Quando Hazan e Shaver (1987) transicionam a Teoria do Apego para as relações românticas adultas, mantêm a palavra “apego”, utilizando-a como sinônimo de *amor*. Essa escolha revela a continuidade na lógica da maternagem, em que uma das partes da relação é responsável por fornecer segurança e cuidado e a outra parte por receber os cuidados. Ainda que os autores não desloquem as funções de cuidado para a mulher – pensando em uma relação heterossexual – de forma explícita, historicamente esse movimento tem acontecido dentro da esfera privada, sobretudo no casamento. Segundo Ceribelli (2025), as relações conjugais são marcadas por hierarquias de poder pautadas no domínio do corpo feminino, bem como a invisibilização de sua subjetividade (Tavares, 2021). Desse modo, a mulher assume o lugar que Butler (1993/2019) chama de “não tematizável”, sofrendo um apagamento de sua representação subjetiva, naturalizando a função de cuidar. Ceribelli (2025) traduz às massas: “Nos ensinaram que amor é renúncia, que quem ama cuida e que quem cuida aguenta. Aprendemos, desde cedo, que estar apaixonada é estar disposta a aceitar tudo, a tratar o desejo como uma assinatura em branco” (p. 21).

Diante do avanço de movimentos sociais feministas, observa-se um deslocamento nas produções mais recentes, que passam a incorporar recortes mais contextualizados nas discussões sobre o *amor*. Esse movimento pode ser observado no mapa dialógico, no qual a presença de menções às mulheres concentra-se nos artigos mais recentes do *corpus* analisado (Hernandez et al., 2017; Schlösser & Camargo, 2014), sugerindo uma tendência contemporânea de incorporação de recortes de gênero nas produções acadêmicas em Psicologia. Ainda que um dos artigos mais recentes analisados (Fraley, 2019) não apresente esse tipo de problematização, entende-se que tal ausência pode estar relacionada ao fato de o autor se apoiar na Teoria do Apego, que, como discutido anteriormente, é uma abordagem de base desenvolvimentista, tradicionalmente centrada em aspectos individuais e pouco voltada à consideração de marcadores sociais. Em continuidade a esse movimento, produções contemporâneas têm buscado desenvolver análises mais contextualizadas do *amor*, problematizando sua aparente universalidade e incorporando marcadores de gênero como dimensão fundamental na compreensão das experiências amorosas.

Ao observar a nomeação *amor* nas produções analisadas, percebe-se que este é polissêmico, isto é, assume diferentes sentidos ao longo do tempo. A fim de compreender a *polissemia*, utilizamos a Linha Narrativa, que para Spink (2004/2010): “. . . permite entender as estratégias usadas para argumentar, explicar, justificar e dessa forma fazer valer uma certa

interpretação dos acontecimentos. A nomeação é muitas vezes um indicador desse processo de argumentar a favor de uma determinada interpretação.” (p. 45). Para isto, foi realizada uma tabela (Ver Tabela 2), com o objetivo de ilustrar e embasar a análise, em que são explicitados os sentidos atribuídos ao *amor* em determinados recortes temporais, bem como citações retiradas dos artigos selecionados e de literatura contemporânea.

Tabela 2

Análise dos sentidos atrelados ao amor seguindo uma Linha Narrativa

Tempo histórico (décadas)	Citação	Sentido
1920	“O objeto de amor externo é, então, escolhido a partir daquilo que é observado como algo que falta ao indivíduo” (Martins-Silva et al., 2013, p. 18)	Falta
1980	“Romantic love is an attachment process — a biosocial process by which affectional bonds are formed between adult lovers, just as affectional bonds are formed earlier in life between human infants and their parents” ¹ (Hazan, & Shaver, 1987, p. 511)	Apego
1990	“Para Sternberg (1988; 1997), elaborador da teoria triangular do amor, esse sentimento é composto por três elementos básicos: comprometimento/decisão, intimidade e paixão” (Martins-Silva et al., 2013, p. 25)	Funcionamento
2020	“O amor é o que o amor faz. Amar é um ato da vontade — isto é, tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar” (Fromm,	Escolha

¹ Tradução livre: “O amor romântico é um processo de apego — um processo biossocial por meio do qual vínculos afetivos são formados entre amantes adultos, assim como vínculos afetivos são formados anteriormente na vida entre bebês humanos e seus pais.”

	n.d. como citado em hooks, 2000/2021, p. 36).	
--	---	--

A Linha Narrativa construída evidencia que os sentidos atribuídos ao *amor* não são fixos nem universais, mas produzidos em contextos históricos e sociais específicos. Em diálogo com as contribuições de Spink (1994), compreende-se que tais nomeações operam como práticas discursivas que constituem o *amor* ao sustentar determinadas formas de interpretá-lo e vivenciá-lo. Assim, observa-se que o *amor* é continuamente ressignificado, articulando dimensões psicológicas, biológicas e socioculturais, e refletindo os modos pelos quais cada contexto histórico torna inteligíveis certas experiências em detrimento de outras.

Conclusão

O presente trabalho teve como objetivo analisar os discursos psicológicos sobre o *amor* ao longo do século XX até a contemporaneidade, buscando compreender como esses discursos foram historicamente produzidos, estabilizados e transformados. A partir da revisão narrativa e da análise orientada pelas práticas discursivas (Spink, 2004/2010 e Bakhtin, 1992 citado em Indursky, 2000), foi possível evidenciar que o *amor*, longe de ser constituído por sentidos universais e estáticos, apresenta-se como uma construção polissêmica, atravessada por diferentes contextos sociais, históricos e epistemológicos.

A análise da literatura permitiu identificar que os objetivos propostos foram alcançados na medida em que se tornou possível mapear as principais teorias psicológicas sobre o *amor*, compreender os contextos de sua emergência e problematizar os sentidos que foram sendo atribuídos a esse fenômeno ao longo do tempo. Observou-se que, inicialmente, o *amor* foi concebido como “falta”, posteriormente naturalizado como “apego”, em seguida concebido por meio de modelos classificatórios e, mais recentemente, compreendido como um fenômeno atravessado por tempo, cultura e marcadores sociais. Tais deslocamentos evidenciam mudanças conceituais e, principalmente, transformações nas formas de subjetivação e nas expectativas sociais em torno das relações amorosas.

Além disso, a análise revelou a predominância de abordagens centradas no indivíduo, frequentemente desvinculadas de marcadores sociais, como gênero, raça, classe e geracionalidade. A ausência ou baixa incidência da dimensão de gênero, especificamente, nas produções analisadas aponta para limites importantes no campo da Psicologia, especialmente no que diz respeito à compreensão das desigualdades que atravessam as experiências amorosas

(Tavares, 2021). Assim, ao incorporar contribuições críticas que tensionam a naturalização do *amor*, este estudo reforça a importância de compreender os discursos psicológicos como práticas que produzem realidades, orientando modos de sentir, agir e se relacionar (Spink, 1994).

Este trabalho sugere a necessidade de ampliação das investigações interseccionais sobre o *amor* a partir de perspectivas que considerem sua dimensão histórica, social e política. Destaca-se, ainda, a importância de integrar de maneira mais consistente os estudos de gênero às produções psicológicas sobre o tema, possibilitando análises mais sensíveis às relações de poder que estruturam as vivências afetivas (Butler, 1993/2019). Pensar nos sentidos sobre o *amor* e articular formas de desnaturalização desse fenômeno é relevante na medida em que a violência contra a mulher se fortalece e legitima das noções naturalizadas (Butler, 1990/2015).

Por fim, ao desnaturalizar o *amor* e evidenciar seus processos de construção, este trabalho contribui para o fortalecimento de uma Psicologia crítica, comprometida com a reflexão sobre seus próprios pressupostos e com a produção de conhecimentos ressignificados e reposicionados para que as relações possam ser menos assimétricas e violentas.

Referências

- Abib, J. A. D. (1998). Virada social na historiografia da psicologia e independência institucional da psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14(1), 77–84.
- Abib, J. A. D. (2009). Epistemologia pluralizada e história da psicologia. *Scientiae Studia*, 7(2), 195–208.
- Bock, A. M. B., Ferreira, M. R., Gonçalves, M. G. M., & Furtado, O. (2007). Sílvia Lane e o projeto do “compromisso social da psicologia”. *Psicologia & Sociedade*, 19(spe), 46–56.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment*. Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. Basic Books.
- Butler, J. (2015). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, Trad., 2ª ed.). Civilização Brasileira.
- (Trabalho original publicado em 1990).
- Butler, J. (2019). *Corpos que importam: Os limites discursivos do “sexo”*. N-1 Edições.

(Trabalho original publicado em 1993).

Ceribelli, M. (2025). *Sintomas: e o que mais aprendi quando o amor me decepcionou*. HarperCollins Brasil.

Dalbem, J. X., & Dell'Aglío, D. D. (2005). Teoria do apego: Bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12–24.

Dávila Dávila, A. (1999). Una lectura histórica de las relaciones conceptuales entre psicología teórica y psicología cuantitativa. *Revista De Psicología*, 17(2), 249–261. <https://doi.org/10.18800/psico.199902.005>

Fraley, R. C. (2019). Attachment in adulthood: Recent developments, emerging debates, and future directions. *Annual Review of Psychology*, 70, 401–422. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010418-102813>

Haraway, D. (1995). Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7–41. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>

Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511–524. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>

Hernandez, J. A. E., Plácido, M. G., Araujo, A. L., Neves, F. V. C., & Azevedo, C. A. da C. B. (2017). A psicologia do amor: Vinte anos de estudos científicos nacionais. *Psicologia Argumento*, 32(s02). <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.32.s02.AO12>

hooks, b. (2021). *Tudo sobre o amor: Novas perspectivas*. Elefante.

(Trabalho original publicado em 2000).

Indursky, F. (2000). Reflexões sobre a linguagem: de Bakhtin à análise do discurso. *Línguas E Instrumentos Linguísticos*, 3(4/5), 69–88. <https://doi.org/10.20396/lil.v4i4/5.8662350>

Martins-Silva, P. O., Trindade, Z. A., & Silva, A., Jr. (2013). Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(3), 620–637. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000100003>

- Nijensohn, M. (2018). Por un feminismo radical y plural: repensando las coordenadas teóricas y políticas de un nuevo feminismo desde una lectura cruzada de Judith Butler, Ernesto Laclau y Chantal Mouffe. *Cadernos Pagu*, 54, e185411. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8656286>
- Pinto, C. R. J. (2010). Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, 18(36), 15–23. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>
- Schlösser, A., & Camargo, B. V. (2014). Contribuições de pesquisas brasileiras sobre o amor e relacionamentos amorosos. *Trends in Psychology / Temas em Psicologia*, 22(4), 795–808. <https://doi.org/10.9788/TP2014.4-10>
- Soares, A. K. de A. (2025). Revisões da Literatura: Diferenças, Métodos e Aplicações. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, 7(11), 982–1005. <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n11p982-1005>
- Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. de. (2010). Revisão integrativa: O que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, 8, 102–106.
- Spink, M. J. P., & Gimenes, M. da G. G. (1994). Práticas discursivas e produção de sentido: Apontamentos metodológicos para a análise de discursos sobre a saúde e a doença. *Saúde e Sociedade*, 3(2), 149–171. <https://doi.org/10.1590/S0104-12901994000200008>
- Spink, M. J. (2010). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. <http://books.scielo.org>
(Trabalho original publicado em 2004).
- Spink, M. J. P., & Frezza, R. M. (2013). Práticas discursivas e produção de sentido: A perspectiva da psicologia social. In M. J. P. Spink (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano* (Cap. 1, pp. 1–21). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
(Trabalho original publicado em 2001).
- Spink, M. J. P., & Medrado, B. (2013). Produção de sentido no cotidiano: Uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In M. J. P. Spink (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano* (Cap. 2, pp. 22–41). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

(Trabalho original publicado em 2001).

Spink, M. J. P., & Lima, H. (2013). Rigor e visibilidade: A explicitação dos passos de interpretação. In M. J. P. Spink (Org.), *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano* (Cap. 4., pp. 71–99). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

(Trabalho original publicado em 2001).

Suy, A. (2022). *A gente mira no amor e acerta na solidão*. Planeta.

Tavares, F. da R. (2021). *O amor saudável e a invenção midiática da mulher neoliberada* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro] Base Minerva da UFRJ.

Vasconcellos, M. J. E. de. (2002). *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência*. Papirus.

Zanella, V. (2016). Dispositivo materno e processos de subjetivação: Desafios para a psicologia. In V. Zanella & M. Porto (Orgs.), *Aborto e (não) desejo de maternidade(s): Questões para a psicologia* (pp. 103–122). Conselho Federal de Psicologia.

Zanella, V. (2022). *A prateleira do amor: Sobre mulheres, homens e relações*. Appris.

Apêndices

Tabela 1

Mapa dialógico dos artigos da revisão narrativa

Artigos	Amor:					
	Como é nomeado	Como é descrito	Como é explicado	Lentes teóricas	Como é referido em relação às mulheres	Teorias citadas
Romantic love conceptualized as an attachment process ² (Hazan & Shaver, 1987).	Apego	“Romantic love is an attachment process—a biosocial process by which affectional bonds are formed between adult lovers, just as affectional bonds are formed earlier in life between human infants and their parents ³ .”(p. 511) The attachment	“Infants become emotionally attached to their primary caregivers and emotionally distressed when separated from them, and We will suggest that romantic love is an attachment process (a process of becoming attached) ⁵ ”(p. 511)	Visão integrativa determinista	Os autores não explicitam o que pensa sobre	“Bowlby's major purpose was to describe and explain how infants become emotionally attached to their primary caregivers and emotionally distressed when separated from them ⁶ ” (p. 511)

² Tradução livre: "O amor romântico concebido como um processo de apego"

³ Tradução livre: "O amor romântico é um processo de apego — um processo biossocial por meio do qual vínculos afetivos são formados entre amantes adultos, assim como vínculos anteriormente na vida entre bebês humanos e seus pais"

⁵ Tradução livre: "Os bebês tornam-se emocionalmente apegados aos seus cuidadores primários e apresentam sofrimento emocional quando separados deles, e sugerimos que o amor romântico é um processo de apego (um processo de tornar-se apegado)"

⁶ Tradução livre: "O principal objetivo de Bowlby foi descrever e explicar como os bebês se tornam emocionalmente apegados às suas principais figuras de cuidado e como apresentam sofrimento emocional quando são separados delas."

		-theory approach to romantic love suggests that love is a biological as well as a social process, based in the nervous system and serving one or more important functions, romantic love is a biological process designed by evolution to facilitate attachment between adult sexual partners ⁴ .” (p. 523)				
Teoria do apego: Bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de	Apego	“Outro conceito fundamental da TA ⁷ é o do comportamento de apego, que se refere a	“Desse modo, cada indivíduo forma um "projeto" interno a partir das primeiras	Visão integrativa determinista	Os autores não explicitam o que pensa sobre	“Contudo, existe a prevalência da idéia de que os padrões de apego desenvolvidos na infância [...] tendem a se manter e a ser reforçados nas interações com outros [...] (SPERLING & BERMAN, 1994).” (p. 17)

⁴ Tradução livre: "A abordagem da teoria do apego aplicada ao amor romântico sugere que o amor é tanto um processo biológico quanto social, baseado no sistema nervoso e que cumpre uma ou mais funções importantes. O amor romântico é um processo biológico, moldado pela evolução, destinado a facilitar o apego entre parceiros sexuais adultos."

⁷ Teoria do Apego

funcionamento (Dalbem & Dell'Aglio, 2005)		ações de uma pessoa para alcançar ou manter proximidade com outro indivíduo, claramente identificado e considerado como mais apto para lidar com o mundo (BOWLBY, 1989; CASSIDY, 1999)” (p. 15)	experiências com as figuras de apego. Embora essas representações tenham sua origem cedo no desenvolvimento, elas continuam em uma lenta evolução, sob o domínio sutil das experiências relacionadas ao apego da infância. A imagem interna, instaurada com os cuidadores primários, é considerada a base para todos os relacionamentos íntimos futuros.” (p. 15)			“[...]Foram formuladas as categorias de padrões de apego em adultos: seguro/autônomo, desapegado/evitativo, preocupado/ansioso e desorganizado/desorientado [...] (ATKINSON, 1997).” (p. 17) “Em relação ao apego do adulto, M. Main (2001) distingue-o em contraposição ao da criança. [...] A segurança em adolescentes e adultos não se identifica com nenhuma relação em particular [...]” (p. 18) “Por essa razão, as relações na adolescência marcam um período de transição para a idade adulta, quando as relações com os melhores amigos e as primeiras relações românticas, por exemplo, serão preditivas dos estilos de relacionamentos na idade adulta (CRITTENDEN, 2001).” (p. 18) “J. Crowell & D. Treboux (1995) referem que a autonomia e a afinidade nas interações familiares de adolescentes de 14 anos de idade predizem o padrão de apego e/ou a coerência em seus discursos entre as idades de 24 e 25 anos.” (p. 19) “R. Kobak (1993) constatou que adolescentes caracterizados pelo padrão de apego seguro são confiantes em seus relacionamentos, generosos e tolerantes em relação a si mesmos e às suas figuras de apego, e considerados como mais estáveis em suas relações românticas.” (p. 19)
Teorias sobre o amor no	Amor	Os autores não	“Esses achados indicam	Visão integrativa	Os autores não explicitam o	“Para isso, foram propostas teorias sobre o amor (Freud, 1996/1922; Reik, 1944; Maslow, 1962; Rubin,

campo da Psicologia Social (Martins-Silva, Trindade & Silva Junior, 2013).		definem o que é <i>amor</i>	que outros fatores, além da família, também contribuem para a maneira como o indivíduo vai lidar com as relações afetivas em sua vida.” (p. 24-25) “Vários autores já têm demonstrado a importância da cultura no estudo do amor, já que este pode tomar diferentes formas de acordo com o contexto cultural e social (Beach & Tesser, 1988; Sprecher & Metts, 1999; Andrade & Wachelke, 2011).” (p. 29)		que pensam sobre	1970; Clark & Mills, 1979; Walster & Walster, 1978; Lee, 1988; Shaver, Hazan, & Bradshaw, 1988; Sternberg, 1988), levantados os benefícios e os prejuízos que uma relação amorosa pode trazer para os indivíduos (Dessen & Braz, 2005) e [...] fatores que interferem e comprometem os relacionamentos amorosos (Sprecher & Metts, 1999; Dessen & Braz, 2005). [...] fatores de satisfação e insatisfação do relacionamento conjugal e dos fatores de ajustamento e desajustamento das relações (Wachelke, De Andrade, Cruz, Faggiani, & Natividade, 2004; De Andrade, 2011; Andrade, Garcia, & Cano, 2009), [...] à manutenção e à dissolução conjugal (Dessen & Braz, 2005).” (p. 17-18) “Para Freud (1996/1922), o amor [...] ocorre apenas após a construção do ideal de ego do indivíduo.” (p.18) “[...]Reik (1944). [...] o amor [...] é um interesse apaixonado por um outro corpo, [...] por outra personalidade.” (p. 19) “Maslow (1962) [...] existem dois tipos de amor; são eles: D-love (deficiency love/ amor deficiente) e B-love (being love/ amor).” (p. 19) “[...] a distinção entre amar e gostar (Rubin, 1970).” (p. 19) “Walster e Walster (1978) definiram o amor em dois tipos: amor-companheiro e amor-apaixonado.” (p.19) “Clark e Mills (1979) [...] propuseram que [...] os relacionamentos em que existe amor estão baseados em motivos altruístas.” (p.19)
--	--	-----------------------------	--	--	-------------------------	--

						“Uma proposta teórica que rompeu esse padrão foi a de John Alan Lee, a qual foi denominada estilos de amor.” (p.20) “[...] os estilos de amor são decorrência da socialização, e não de fator genético (Waller & Shaver, 1994), por isso, as questões de gênero (Hendrick & Hendrick, 1986; Davies, 2001) e as diferenças culturais entre as diferentes sociedades (Neto, 2007), assim como as experiências amorosas anteriores e a situação em que se encontra o relacionamento amoroso (Hendrick & Hendrick, 1986), interferem na atitude relativa ao amor.” (p. 21) “Shaver, Hazan e Bradshaw [...] Os modelos internos de funcionamento aprendidos na infância tendem a manter-se e a ser reforçados na interação com os outros.” (p. 23) “Para Sternberg (1988; 1997), elaborador da teoria triangular do amor, esse sentimento é composto por três elementos básicos: comprometimento/decisão, intimidade e paixão.” (p. 25)
Contribuições de pesquisas brasileiras sobre o amor e relacionamentos amorosos (Schlösser & Camargo, 2014).	Amor	“O conceito relativo ao amor, dentro da perspectiva psicológica, é compreendido como um sentimento multidimensional, estrutural e	Os autores não propõem uma explicação acerca da origem do amor	Visão integrativista	“Estudos nos quais a temática “Violência” se fez presente ocupou 7,9% do total das publicações, com temática acerca da relação entre amor e violência, violência	“[...] Sigmund Freud [...] o amor se revela quando um indivíduo deseja – ou procura – dar e receber prazer e/ou satisfações a uma outra pessoa [...]” (p. 796) “[...] associado a noções de sexualidade sublimada (Freud, 1973), cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento (Fromm, 1956; Schlösser, Dalfovo, & Delvan, 2012) bem como gratificação de necessidades (Rubin, 1974). [...] uma consequência de necessidades

		dinâmico (Cassepp-Borges & Teodoro, 2009; Engel, Olson, & Patrick, 2002), e não apenas um conceito filosófico ou metafísico” (p. 797)			física e psicológica praticadas no contexto de relacionamentos amorosos, bem como violência de gênero em relacionamentos íntimos (Dias & Machado, 2011; Levy & Gomes, 2008; Moura, Lefevre, & Moura, 2012).” (p. 802)	instintivas sexuais, receber e oferecer proteção e instrumento cognitivo de reprodução (Buss, 2006; Wilson, 1981), [...] o amor como um reforçamento mútuo de comportamentos (Skinner, 1991) [...]” (p. 797) “Ressalta-se aqui a produção de Zick Rubin (1970), precursor da construção de teorias sobre o amor e primeiro teórico ao abordar o amor romântico no campo da psicologia social.” (p. 797) “Os principais modelos teóricos sobre o amor na contemporaneidade são: teoria triangular do amor, proposto por Sternberg (1986, 1989, 2000), teoria tipológica do Amor, de Alan John Lee (1977), teoria do apego e o amor romântico (Hazan & Shaver, 1987), teoria dualista do amor (Berscheid, 2006; Berscheid & Hatfi eld, 1969), bem como as teorias de abordagem biológico- -evolutivas (Buss, 2006; Kenrick, 2006).” (p. 797) “Vale ressaltar o que propõe de Andrade, Sánchez-Aragón e Wachelke (2007, p. 91) em que os estilos de amor são compreendidos fundamentalmente como ‘... o componente cognitivo individual do fenômeno amoroso’.” (p. 797)
A psicologia do amor: Vinte anos de estudos científicos nacionais (Hernandez, Plácido, Araujo, Neves & Azevedo, 2017)	Amor	Os autores não definem o que é <i>amor</i>	Os autores não propõem uma explicação acerca da origem do <i>amor</i>	Visão integrativa	“A ideologia do romance tem sido majoritariamente dirigida às mulheres, segundo alguns estudiosos. De acordo com a autora, a expectativa da sociedade	“A revisão teórica de Reis (1992), o amor à luz da psicologia científica, é pioneira na disseminação de conhecimentos sobre assunto no Brasil” (p. 3); “Teoria de Rubin (1970, 1973) referente ao amar e gostar” (p. 3); “Teoria Triangular do Amor de Sternberg (1986)” (p. 3); “Lee (1977) que combinando a literatura anterior e o instrumento <i>Love Story Card Sort</i>⁷ criou a Teoria das Cores do Amor.” (p. 3); “Neves

					é que as mulheres sejam mais românticas nas suas crenças sobre relações íntimas do que os homens. De forma crítica, esta questão tem destaque na agenda feminista, sendo apontada como responsável por levar as mulheres a acreditar que a sua felicidade depende da entrega total e incondicional aos parceiros, originando em muitas situações, histórias de violência, discriminação e desigualdade.” (p. 133)	(2007) em seu artigo de revisão sobre as mulheres e os discursos genderizados sobre o amor.” (p. 3); “Sophia, Tavares e Zilberman (2007), revisando a literatura, lançaram a questão: o amor patológico é um novo transtorno psiquiátrico?” (p. 133).
Attachment in adulthood: Recent developments, emerging debates, and future	Apego	“An attachment is typically defined as an emotional bond in which a person seeks	“He proposed that infants are born with an attachment behavioral system—a motivation	Visão integrativa determinista	O autor não explicita o que pensa sobre	“John Bowlby developed attachment theory as a way to explain the intense distress experienced by children who had been separated from their primary caregivers (for a review, see Bretherton 1992). Bowlby (1982) observed that

directions ⁸ (Fraley, 2019)		proximity to the attachment object and uses them as a safe haven during times of distress and as a secure base from which to explore the world ⁹ ” (p. 404).	al system that leads infants to form deep, emotional bonds to others who can provide support and protection (i.e., attachment figures) ¹⁰ ” (p. 403); “For example, Hazan & Shaver (1987) argued that romantic love is, in part, a manifestati on of the attachment system. Hazan & Shaver argued that the attachment behavioral system			infants would go to extraordinary lengths to prevent separation from a parent.” ¹² (p. 403)
--	--	--	--	--	--	--

⁸ Tradução livre: “Apego na vida adulta: desenvolvimentos recentes, debates emergentes e direções futuras.”

⁹ Tradução livre: “O apego é tipicamente definido como um vínculo emocional no qual uma pessoa busca proximidade com a figura de apego e a utiliza como um refúgio seguro em momentos de sofrimento, bem como como uma base segura a partir da qual pode explorar o mundo”

¹⁰ Tradução livre: “Ele propôs que os bebês nascem com um sistema comportamental de apego — um sistema motivacional que os leva a formar vínculos emocionais profundos com outras pessoas que podem oferecer suporte e proteção (isto é, figuras de apego).”

¹² Tradução livre: “John Bowlby desenvolveu a teoria do apego como uma forma de explicar o intenso sofrimento experimentado por crianças que foram separadas de suas principais figuras de cuidado (para uma revisão, ver Bretherton, 1992). Bowlby (1982) observou que os bebês recorrem a estratégias intensas para evitar a separação de seus cuidadores.”

			does not become dormant as children develop. Instead, it is co-opted to facilitate pair bonding in adult relationships ¹¹ .” (p. 403)			
--	--	--	--	--	--	--

¹¹ Tradução livre: "Por exemplo, Hazan e Shaver (1987) argumentaram que o amor romântico é, em parte, uma manifestação do sistema de apego. Eles sustentaram que o sistema comportamental de apego não se torna inativo à medida que as crianças se desenvolvem. Em vez disso, ele é mobilizado para facilitar a formação de vínculos de casal nas relações adultas."